



Paulo Freire: panorama histórico-filosófico

Ofélia Maria Marcondes

Estamos em ano de bicentenário da independência do Brasil, uma independência que não foi conquistada, que reforça as relações patriarcais, de dependência e de opressão que tomaram conta destas terras brasilis, alvo de expansão territorial de uma Europa colonialista, de exploração das riquezas e das pessoas que aqui já viviam, com seus saberes, suas tecnologias, seus modos de viver e de educar, de culturas aculturadas e inculturadas, naquele sentido mais ligado ao cristianismo entenhado na vida dos povos originários, travestido de bom mocismo. Tempos de um projeto colonial para Abya Yala¹.

Também estamos no ano de centenário de nascimento de Darcy Ribeiro que não nos deixa esquecer que para a edificação das nações europeias, em especial Portugal e Espanha, houve a necessidade da ocultação, do silenciamento, do desfazimento dos povos originários, fosse pela cristandade, criação de novos homens, homens cristãos, fosse pela mercantilização de recursos e de gentes. Fácil pensar num Novo Mundo como terra de ninguém, já que a América não existia, tudo era possibilidade e futuro e com o apoio do Vaticano. Diz Ribeiro (2021, p. 44): “o Vaticano sacraliza a apropriação de terra e a escravização do gentio”.

Esta breve introdução de um texto que pretende trazer um panorama histórico-filosófico do pensamento de Paulo Freire tem como ponto de partida a seguinte afirmação de Darcy Ribeiro (2021, p. 51):

¹ “Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América”. Fonte: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

A obra do homem branco, seu legado, glória e vergonha, é o mundo extra-europeu atual, com sua humanidade inumana, afundada na miséria. Efetivamente, o resultado da fúria expansionista europeia ocidental sobre o mundo exterior foi a degradação das bases ecológicas e culturais que permitiam a milhares de povos viver contentes sua forma original de vida. Recrutados para a civilização, quer dizer, para o mercado, como mão de obra escrava, produtora de mercadorias, aqueles povos se transfiguraram radicalmente.

Somos herdeiros desse mundo patriarcal e colonial do século XVI. Foi construído um Brasil com gigantesca desigualdade social e econômica justificada pelas diferenças étnico-raciais e de gênero. A racialização que acompanha a colonialidade é uma invenção para que as relações de poder e de opressão sejam mantidas intactas. As diferenças de gênero, próprias do patriarcado, justificam o silenciamento e a invisibilização de mulheres, principalmente. São essas diferenças os pilares do colonialismo e da colonialidade e que são mantidas pelas relações de opressão que operam na condução de um mundo sempre cindido.

Tendo as relações de opressão como realidade que se perpetua é que Paulo Freire se coloca tão presente em nossas reflexões.

Em 2020, centenário de nascimento de Paulo Freire, iniciei o curso de extensão “Paulo Freire: panorama histórico-filosófico” no sentido de organizar meus estudos e reflexões juntamente com interessadas e interessados no assunto. Estou finalizando a segunda edição deste curso e este pequeno ensaio traz uma parcela dessas reflexões e estudos. A ideia do curso é propor um breve estudo sobre a teoria e a práxis de Paulo Freire a partir da análise crítica de suas principais obras e do conjunto de ideias que embasam o debate contemporâneo sobre a presença deste pensador na educação, analisando criticamente o desdobramento de seu pensamento e de sua luta contra as desigualdades e a opressão. A contextualização histórica da obra de Paulo Freire nos auxilia na atualização de seu pensamento dada a emergência do debate sobre igualdade, inclusão, libertação, autonomia.

Dentre as obras trabalhadas estão: *Educação como prática de liberdade*, *Pedagogia do oprimido*, *Educação e Mudança*, *Pedagogia da autonomia* e *Pedagogia da*

indignação, além dos textos “Papel da educação na humanização” e “O processo de alfabetização política”, ambos publicados em *Uma educação para a liberdade - Textos Marginais* 8, de 1974.

A análise do pensamento de Paulo Freire se dá a partir da perspectiva da leitura do mundo e do papel da curiosidade nesse processo, da comunicação sobre o mundo lido e o papel do diálogo na construção de uma sociedade mais justa e de uma educação libertadora, do entendimento da educação como ação social de construção e reconstrução de saberes. Neste texto espero explorar, mesmo que parcialmente, estas perspectivas.

Contextualização histórica, atualidade e universalidade do pensamento de Paulo Freire

Paulo Freire nasceu em 1921 e acabamos de comemorar seu centenário de nascimento, o que nos dá a perspectiva de um processo de retomada, de releitura de sua obra, resgatando seu pensamento, sua antropologia, sua epistemologia, seu amor pelas gentes. Porém, está diante de nós as tarefas que o próprio Paulo Freire nos deixou: reinventar Paulo Freire, reinventar a educação sem repetir Paulo Freire. Tarefas que nos exigem uma reflexão sobre sua filosofia e sobre a educação em tempos de neoliberalismo, de pandemia, de violências, de supressão de direitos, de obscurantismo, mas um obscurantismo como nos esclarece Carlos Alberto Torres (2008, p. 44), que deriva dos processos de opressão, da manipulação da ciência a serviço do capital, da desinformação institucionalizada.

Começamos por procurar entender sua perspectiva sobre o ser humano: sempre inacabado, incompleto, busca sua completude nos processos de interação com o mundo e no mundo e é nessa busca que o ser humano se educa. Educar/educar-se é impregnar de sentido a vida humana. E um dos espaços privilegiados de interações é a escola, entendida como uma comunidade de aprendizagens e de formação da cidadania, espaço também de exercício de emancipação e autonomia e de trabalho em direção à libertação de pessoas oprimidas pelos processos econômicos e de dominação. Crítico da educação que denominou “bancária”, coloca o processo de

educação como uma via de mão dupla, anunciando que o educador também é educando, assim como o educando é também educador, pois não há um saber, há saberes.

Não é possível compreender o pensamento de Paulo Freire descolado de seu contexto histórico, sem ter em mente que sua filosofia está ancorada nos processos políticos próprios da vida humana, mas também naqueles institucionalizados como forma de organização da sociedade. De modo geral, ao refletir com Paulo Freire a partir de suas obras ocorre uma mudança em nosso modo de pensar o mundo porque Freire é um pensador da esperança e nos leva a pensar num “outro mundo possível” pautado pelo respeito à pessoa, à pluralidade, à vida, pela solidariedade, pela sustentabilidade. Ao contrário de uma necropolítica que vem se impondo em nossos dias, ler Paulo Freire é pensar numa biopolítica e num paradigma civilizatório centrado na promoção humana, na libertação.

Para Paulo Freire, é necessária uma crítica sistemática à realidade e às interações entre pessoas e entre instituições, denunciando relações de opressão, de dominação. Seu pensamento é transversal, perpassando desde questões sobre o ser humano e seu processo de formação até a crítica ao neoliberalismo, à lógica do capital. Pensador da conectividade e da amorosidade, da marcha humana em defesa da vida e da planetarização, da educação como justiça social, da cidadania multicultural, da emancipação humana e da libertação de todos os processos de opressão.

Falecendo em maio de 1997, foi secretário da educação na cidade de São Paulo de 1989 a 1991. Exilado, retorna ao Brasil em 1980. Patrono da Educação Brasileira desde 2012, tem sido vítima de um segundo exílio dada a perseguição à sua memória, às suas ideias e às suas obras. Parece-me sempre necessário fazer um estudo, mesmo que panorâmico, do pensamento deste filósofo-educador que amava gentes, que acreditava no resgate das racionalidades silenciadas. Sua última obra publicada foi “Pedagogia da autonomia”, em 1996, entremeada por uma rigorosidade ética e por uma reflexão sobre a prática educativo-crítica. Nas palavras deste pensador, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

Educação libertadora em Paulo Freire

O pensamento de Paulo Freire tem sua base na dialética ser humano-realidade, sendo que a formação humana se dá necessariamente no processo de inserção dos sujeitos em sua realidade concreta, assim como a realidade pode ser transformada graças à ação deste ser humano que se forma e é formado em processo contínuo. O ser humano está no mundo e com o mundo, dimensão concreta da realização de sua existência e a partir da qual é capaz de compreender a si e a realidade. A existência humana se dá no diálogo, na relação de alteridade, na comunicação.

A transformação da sociedade apenas se dá mediante o processo de conscientização das relações de opressão e de alienação, o que nos leva a compreender que Paulo Freire se coloca como crítico dos processos de reificação, em outras palavras, seu posicionamento é contrário à redução de seres humanos a objetos e a serviço do capital. A reificação nega a “vocação ontológica” do ser humano de “ser mais”, o que significa que o ser humano deixa de viver uma existência livre, de desenvolvimento, de crescimento como pessoa, sendo levado a “ser menos”, a ser objeto das relações com o capital, o ser humano é “coisificado”, reificado, manipulado e portanto submetido a processos de desumanização. “Ser mais” nada mais é do que ter a dignidade humana garantida e uma vida pautada por relações de liberdade; o ser humano deve ser o sujeito de seu agir e de sua história, restauradas as relações intersubjetivas. Essa vocação ontológica não se refere a uma natureza humana metafísica ou de uma essência imutável, antes, é o existir na temporalidade.

Como Paulo Freire vê que as relações de opressão perpassam a vida humana e estão resultando em reificação e alienação, defende uma solução: uma dialética denúncia-anúncio e uma práxis ação-reflexão-ação. Para Freire, a denúncia é a comunicação que expõe as relações de opressão, de reificação, colocando a nu como a sociedade capitalista oprime as pessoas que, sem a tomada de consciência, se tornam incapazes de denunciar essas relações de opressão. O anúncio somente é possível mediante a libertação das relações de opressão pela conscientização e este anúncio é o de novo modo de produção da existência já sem as amarras da opressão. O ser humano é o ser da ação no mundo e com o mundo sendo que essa ação precisa ser transformada em práxis, ou seja, em ação refletida. A transformação do mundo não é operada pela ação mecânica, cotidiana, mas pela ação que resulta da reflexão sobre a ação.

Como instrumento para a libertação, Paulo Freire anuncia a possibilidade de uma educação que incida sobre a realidade dos sujeitos oprimidos, submetidos a situações de opressão, de manipulação e de desumanização. Neste sentido é que obras como *Educação como prática de liberdade*, *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da autonomia* são fundantes para compreendermos seu pensamento. Somente por meio de uma educação libertadora é que os seres humanos deixariam de viver uma vida indigna, submetida à alienação e a serviço do capital. Uma educação libertadora é aquela que tem como metodologia o diálogo e como conteúdo, o conhecimento crítico da realidade, promovendo a real inserção dos sujeitos que se educam em suas condições históricas, ou seja, uma imersão em seu tempo e em seu espaço. O efeito de uma educação libertadora é a mudança de atitude diante da realidade, estimulando a ação refletida no mundo e com o mundo. Lembramos ainda que, para Paulo Freire, a educação é processo permanente assim como é o próprio processo de libertação.

Ainda trabalhando com a dialética ser humano-realidade, Freire nos coloca diante da dialética educandos-realidade: a libertação ocorre quando o educando conhece seu mundo e reconhece nele as relações de opressão, objetivando a realidade que oprime, escraviza e desumaniza. A conscientização torna-se o efeito esperado quando de uma educação crítica e libertadora, de modo que o educando se torna sujeito de seu processo de formação, superando inclusive a contradição educador-educando, pois, nas palavras de Paulo Freire (1974, p. 18),

Se, na concepção bancária, o educador é sempre quem educa, e o educando é quem é educado, a realização da superação, na concepção humanista, faz surgir: a) não mais um educador do educando; b) não mais um educando do educador; mas um educador-educando com um educando-educador.

Na superação da contradição educador-educando é que reside a compreensão de que não podemos realizar uma educação para o oprimido, mas uma educação do oprimido, porque “Isso significa: 1) que ninguém educa ninguém; 2) que ninguém tampouco se educa sozinho; 3) que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1974, p.18).

No cenário atual encontramos muitos comentadores das obras de Paulo Freire e de seu pensamento, mas o que nos chama a atenção é a presença de sua filosofia em trabalhos de fora do Brasil, dentre eles o trabalho de bell hooks:

Outro ponto de virada em sua trajetória ocorreu na graduação quando a autora [bell hooks] tomou contato com as obras do brasileiro Paulo Freire, que segundo a autora, forneceu a linguagem política em um momento em que ansiava tornar-se uma intelectual negra insurgente. “Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador”². Nesse período uma frase de Freire tornou-se seu mantra, diz, não se entra na luta como objeto para se tornar sujeito depois³.

Análise da práxis de Paulo Freire

Falar em práxis nos exige compreender que a prática tem relação direta com a teoria, assim como a teoria não existe sem a prática. Práxis é ação refletida, o que também nos exige uma tomada de consciência cujo instrumento é a educação libertadora, por meio de uma metodologia dialógica e problematizadora. O objetivo principal da ação educativa é a libertação de relações de opressão e de alienação.

Neste sentido é que ler e escrever, para Paulo Freire, são mais do que decodificação e codificação, são processos de leitura do mundo, da realidade, da vida. A tomada de consciência se dá pela leitura do mundo que precede a leitura da palavra, portanto a alfabetização é sempre uma alfabetização política.

No pensamento de Paulo Freire temos duas dimensões da práxis: uma da ação refletida, ou seja, da ação que é suspensa e passa por reflexão, voltando à ação e outra que é a dialética necessária entre teoria e prática, já que uma e outra não podem ser entendidas separadamente.

Lendo "Pedagogia do oprimido" (2015, p. 52-53), é possível compreender o que Paulo Freire argumenta com relação à práxis:

² hooks, bell. **Ensinando a transgredir** – a educação como prática da liberdade. Martins Fontes. São Paulo, 2013, p. 17.

³ Fonte: <https://revistaperiferias.org/materia/resenha-ensinar-a-transgredir-bell-hooks/>

Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isto é que, só através da práxis autêntica, que não sendo “blabláblá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo.

[...]

Este fazer “a opressão real ainda mais opressora, acrescentando-lhe a consciência da opressão”, a que Marx se refere, corresponde à relação dialética subjetividade-objetividade. Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica.

A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.

Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela. Por isto, inserção crítica e ação já são a mesma coisa. Por isto também é que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica (ação já) não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro.

Para Paulo Freire, práxis é ação-reflexão-ação no mundo e para transformá-lo. Práxis é a teoria do fazer na qual ação e reflexão são inseparáveis. Argumenta Freire (2015, p. 172-173): “É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente”.

E continua, em sua *Pedagogia do Oprimido* (2015, p. 57):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua

transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Nossa reflexão, então, caminha no sentido de que não há transformação na ação irrefletida, na consciência mágica ou fanática. A transformação somente é possível quando há tomada de consciência. A tomada de consciência não é uma mera descoberta na esfera intelectual; antes, a tomada de consciência se dá na ação.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 2015, p. 72).

A tomada de consciência é a passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica; superando uma visão ingênua da realidade e se colocando criticamente no mundo e com o mundo. O que resulta dessa tomada de consciência por meio do exercício do pensamento crítico é uma mudança na qualidade da percepção do mundo no qual estamos inseridos. Esta é a base da teoria da ação libertadora.

Leitura do mundo e o cultivo da curiosidade

Trabalhando com o capítulo 1 de *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam* é que no encontramos com a seguinte reflexão: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1987, p. 11-12). Para Freire, linguagem e realidade estão em continuidade e é por esta razão que a proposta de uma educação libertadora se revela em tomada de consciência; é na leitura do mundo que nos tornamos protagonistas de nossa existência e atribuímos sentido às palavras que lemos.

Certa vez, em uma turma de Pedagogia, trabalhávamos sobre alfabetização e uma das estudantes apresentou a família silábica do x com uma palavra-geradora: xaréu. Estando na região sudeste, numa cidade como São Paulo, não identifiquei o

significado de xaréu que é um peixe comum no nordeste do Brasil. Ora, que sentido há em se trabalhar xaréu em uma região como a nossa? Não que nossas crianças não devam conhecer os peixes, mas, para Freire, é fundamental que a relação com a realidade possa ser estabelecida na palavra que se lê, e mais, buscar compreender quais as relações políticas que tais palavras revelam ou carregam.

A cantilena das famílias silábicas e o soletrar de palavras não garantem a leitura, a compreensão do mundo e nossa inserção na temporalidade histórica. Memorizar não pode ser o centro do processo de aprendizagem, assim como a mera descrição não nos coloca em contato com a realidade. Aprender é apreender, ou seja, é apropriação de significação. “Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras” (FREIRE, 1987, p. 21). Assim, “A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta mensagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando” (FREIRE, 1987, p. 21-22). As relações pedagógicas nas quais o educador age sobre o educando são próprias de uma educação autoritária, bancária, hierarquizada e hierarquizante, alienada e alienante, de modo a contribuir para a conservação das relações sociais e dos modos de conhecer. Como, para Freire, o ser humano é um ser de relações e um ser com o mundo, a alfabetização somente pode ser entendida como uma leitura do mundo e da palavra.

Em que medida podemos afirmar que a leitura do mundo necessita de curiosidade? Por que Freire valoriza a curiosidade como algo necessário para ensinar e aprender?

A educação memorística, da cantilena, da centralidade do professor e da professora é sempre autoritária e patriarcal, em outras palavras, é uma educação que embotada toda forma criativa de se colocar em relação com o mundo, é uma criatividade domesticada. A educação bancária, autoritária e patriarcal resume a ação do aluno e da aluna a repetir modelos e a escola torna-se mero instrumento de reprodução das desigualdades.

A leitura de mundo exige investigação, solução de problemas e, portanto, criatividade. É numa relação democrática que damos espaço para nossa criatividade. Esta relação entre leitura de mundo e criatividade pode ser vista nesta afirmação de Freire (1996, p. 97):

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de *resposta* a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*.

A curiosidade é atitude mental fundamental para conhecer, para solucionar problemas, criar respostas na troca, na comunicação, no diálogo. A educação bancária embota a curiosidade porque silencia, domestica, dociliza, torna passiva a mente curiosa e borbulhante da criança que deseja conhecer o mundo. Além disto, Freire nos coloca a seguinte reflexão: "Não haveria *existência humana* sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência" (FREIRE, 1996, p. 98). E existir é assumir a temporalidade e a historicidade de cada um de nós e dos modos de nos relacionarmos com o mundo. A tomada de consciência que nos liberta das relações de opressão exige diálogo permanente.

Compartilhamento do mundo lido e a necessidade do diálogo

Em sua antropologia, Paulo Freire nos coloca diante do ser humano e sua incompletude, seu inacabamento, sua finitude, sua temporalidade, sua historicidade, capaz de transcendência no sentido de auto-objetivar-se, uma consciência de si que nos leva à distinção de um "eu" e de um "não-eu". É um ser de existência, no sentido de que existir que "ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele" (FREIRE, 2019, p. 57). Estar no mundo e com o mundo exige um amor que é consciência e respeito porque somos seres de relações, de comunicação, de diálogo e de participação.

Busca-se, segundo Freire, a convivência autêntica, aquela que é existir junto com, imerso no contexto e no mundo, parte dele, em diálogo com o mundo e com os outros; é uma convivência outra que nega as relações de opressão e de silenciamento. Uma educação libertadora, democrática, não nega o direito do outro, nem sua liberdade e muito menos sua voz; promove os sujeitos, as relações que se apresentam, muitas das vezes, tensas e contraditórias, mas nunca, mecânicas. Uma educação que não oferece opções é uma educação opressora e não-dialógica. Freire afirma: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo” (FREIRE, 2015, p. 111).

Há, em Freire, um método para a realização da educação, da ensinagem-aprendizagem: o diálogo. “Mas como realizar esta educação? [...] A resposta nos parecia estar: a) num método ativo, dialogal, crítico e criticizador; b) na modificação do conteúdo programático da educação; c) no uso de técnicas como a da redução e da codificação” (FREIRE, 2019, p. 140-141). E Freire continua: “Somente um método ativo, dialogal, participante, poderia fazê-lo” (FREIRE, 2019, p. 141), assim, é possível afirmar que uma educação amorosa é aquela do diálogo tendo-se em vista que “Precisávamos de uma pedagogia de comunicação com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo” (FREIRE, 2019, p. 142). É o antidiálogo que oprime, que massifica, que retira o ser humano do existir e o joga no viver.

Em *Extensão ou Comunicação?*, Freire (1983, p. 28) afirma que “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”. Essa direção do amor que é o diálogo, é também a criticidade que dele advém, que permite ao ser humano fazer escolhas e tornar-se, nas palavras de Freire, um “ser mais”.

O diálogo é nossa vocação ontológica porque é através dele que compartilhamos o mundo, comunicamos nossas experiências. O diálogo é escuta ativa e atenta, é construção de confiança entre os sujeitos, de fé nos seres humanos capazes de transformação do mundo e da superação das relações de opressão. É na relação violenta da opressão que se impede o diálogo, que se massifica, que se desumaniza, que se aliena. O diálogo é uma exigência epistemológica, uma prática fundamental, é a democracia em exercício.

Fechando o panorama

Podemos elencar algumas categorias como politicidade, dialogicidade, amorosidade, libertação, opressão, dentre outras que estão presentes no pensamento de Paulo Freire. “Pensar categorias *freireanas*, desse modo, significa estabelecer como princípios: o pressuposto político da educação (A favor de quem? Contra quem?), a ética das relações (Como? Quais valores?), a democracia (Com quem?) e o diálogo (Para quê?)”⁴. As provocações postas nos auxiliam na leitura das obras de Freire com vistas à construção e reconstrução de sua linha de pensamento.

A educação não é neutra, depende das pessoas e da ideologia que a subjaz para que se coloque em andamento uma educação libertadora ou uma educação bancária. A educação que favorece a elite, o capital, que reforça as desigualdades sociais responde à reprodução das relações de opressão. A educação libertadora, horizontal, a favor das classes oprimidas, em busca da transformação da sociedade traz em si a tomada de consciência, a historicidade, a temporalidade dos sujeitos. Em marcha, a sociedade se transforma.

A ética é a do compromisso consigo, com o outro e com o mundo em busca de uma sociedade mais humanizada e mais humanizadora, menos excludente. A ética de Freire nos leva a organizar nossas ações com vistas à inclusão, à amorosidade, à vocação do ser humano de “ser mais”.

Num processo democrático, as relações passam a ser colaborativas, cooperativas e horizontalizadas, dando voz aos silenciados e promovendo a visibilização dos invisibilizados. É colocar o outro em relação. É denúncia de relações opressoras e anúncio de um mundo possível.

É na escuta, no diálogo que cada um de nós toma consciência de nossa temporalidade, de nosso lugar no mundo. As relações de opressão não são encerradas pelo outro e nem oferecidas por quem está fora dessas relações, ou seja, é o próprio oprimido quem coloca fim às relações opressoras. Ninguém liberta ninguém, nos libertamos mediante a tomada de consciência de nossa historicidade. A filosofia de Paulo Freire é um eterno esperar, é a utopia de mundos possíveis.

⁴ Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/paulo-freire/categorias-freireanas?authuser=0>

Referências bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez Editora, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança** [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. 4ª ed. Textos Marginais 8, Porto: Dinalivro, 1974.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- RIBEIRO, Darcy. **A invenção do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2021.
- TORRES, Carlos A. [et. al] **Reinventando Paulo Freire no século 21**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Série Unifreire)

Autora

Ofélia Maria Marcondes

filósofa e pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

Atua como docente nos cursos de Licenciatura do Instituto Federal de São Paulo

(IFSP), Câmpus Registro. Líder do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e

filosofia: < <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963> >.

ORCID: < <https://orcid.org/0000-0002-2775-2785> >.

Plataforma Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/3976550232672957> >.